

Gíria: uma abordagem lingüística

LUÍS FILIPE BARATA MONTEIRO
Professor da USU e PUC-RJ

1 – INTRODUÇÃO

O problema, aqui, é absolutamente restrito e limitado. Restrito no tema, porque toma em consideração apenas um fenômeno lingüístico dos vários de que se compõe a problemática da linguagem. Limitado na formulação, porque trata, em termos gerais, de aspectos comuns do fenômeno destacado, tendo o particular a função, somente, de exemplificar.

O presente trabalho não é extensivo, nem exaustivo. Não podia ser, dadas as condições do mesmo.

A finalidade, no caso, prende-se mais a um conhecimento do problema em si e do seu contexto histórico-lingüístico, de que a uma posição sobre o mesmo. Esta exigiria um estudo e pesquisa de grandes proporções.

É provável, no entanto, que se apresente novidade. Se tal acontecer, isso deve-se à riqueza do trabalho.

2 – A LINGUAGEM CORRENTE

Por “linguagem corrente” deve-se entender a linguagem comum, aquela que se usa em qualquer parte, que se ouve em qualquer lugar, inclusive nos meios de comunicação social e que se lê freqüentemente naquelas publicações destinadas ao consumo das grandes massas. Tal constatação não é apenas um fato. É, no mínimo, um fenômeno lingüístico. Talvez se lhe pudesse chamar até de epifenômeno, não tanto pelas variações e extensão, mas pela transcendência e profundidade.

Em primeiro lugar, a linguagem corrente preocupa-se mais com a matéria do que com a forma, isto é, serve mais à comunicação do que à gramática. Isto não quer dizer que seja agramatical no todo.

Nessa linguagem, o falante ou o sujeito que fala introduz deformações morfológicas, sintáticas e semânticas, bem como a gíria, em proporções variáveis. É um risco de toda a linguagem. O que importa é que a gíria não se sobreponha à linguagem e que as deformações não a deformem a tal ponto que seja necessário recorrer à descoberta da estrutura da língua para se saber de que linguagem se trata.

Este é o aspecto objetivo ou o lado material da questão.

Em segundo lugar, a linguagem corrente é um pressuposto lingüístico na medida em que o sujeito não interfere na sua construção, mas interfere substancialmente na sua concretização pelo modo de uso dela. O sujeito é, no caso, não apenas a causa interveniente, mas é sobretudo a causa causal dos matizes, deturpações, deformações e cortes que a linguagem apresenta.

Este é o aspecto subjetivo ou o lado formal da questão.

A verificação destes fatos leva-nos à medula do problema, àquilo que permite essa variabilidade e, até, um pronunciado distanciamento a tal ponto que o que se apresenta dificilmente se identifica com o linguajar comum. Talvez a origem dessa permissividade deva ser procurada nas influências.

2.1 — As influências indígenas

Preferiu-se o termo “indígena” a qualquer outro pela simples razão de que o campo lingüístico é diferente da situação geográfica. O campo identifica a língua e a situação geográfica, a linguagem.

No Brasil nos deparamos com vários campos e com várias situações geográficas. Os primeiros são esotéricos e os segundos, hipodérmicos. As isoglossas podem delimitar os campos, mas nunca delimitam as situações. O mapa geo-sócio-político dos índios pode atestar claramente isto.

Ressalve-se, no entanto, que o problema lingüístico do Brasil já era problemático antes de 1500 e que foi isso que permitiu a entrada da língua portuguesa, e a transformou em força aglutinante e aglutinadora, uma espécie de denominador comum. Para isso foi preciso que a língua recém-chegada se ajustasse, por um lado, e se impusesse, pelo outro, ao préexistente. E foi isso que aconteceu.

Nos estudos feitos sobre as influências lingüísticas indígenas, tem-se dado maior relevância ao tupi, descurando-se o contributo de outras línguas. Em conferência recente proferida na UFRJ foi dito que das 30 línguas existentes no Brasil (fora os dialetos) pouco ou nada se sabe da maioria delas, com o risco de nunca se vir a saber, pois determinados povos estão em vias de extinção.

Isto confirma, por um lado, o que se escreveu, e, por outro, a urgência de preservar esses povos e de fazer um estudo sério, para não se lamentar mais tarde uma perda irreparável.

2.2 – As influências imigrantes

Do mesmo modo que o tupi tem sido preferenciado aos restantes idiomas congêneres, assim também se dá preferência à influência africana.

Não há dúvida de que esta foi quantitativamente dominante em determinada época e que fatores vários a tornaram mais homogenizante e miscível.

Em relação à língua portuguesa, já de si enriquecida com empréstimos de várias proveniências, desde o celta e árabe até ao indú e o japonês, a convivência maior com as línguas africanas deu a estas uma predominância que de certo modo ajudou a expansão lingüística no Brasil.

Se não deve exagerar a influência das influências em qualquer língua, não se deve, também, sublinhar algumas em detrimento de outras ou preferenciar umas tantas e olvidar as restantes.

Assim como os grupos imigrantes trouxeram variantes nos usos, costumes e tradições, assim também esses mesmos grupos deram a sua cota-parte nas variantes e deformações da linguagem.

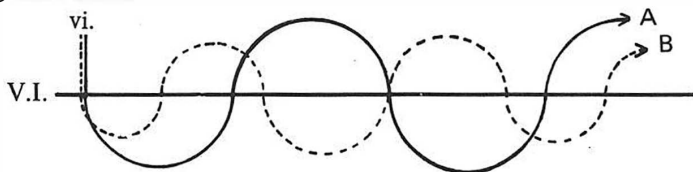
Este é um fato histórico-lingüístico que determina e define o índice de compatibilidades ou incompatibilidades lingüísticas e que fatores determinantes exigem que se reduza a um denominador comum, ou seja, uma língua unificante, no caso do Brasil, o português.

Neste particular, convém destacar a invasão do anglo-americanismo na linguagem corrente.

3 – A GÍRIA

Como toda língua desenvolvida, a língua portuguesa pode ser empregada sob duas formas: falada e escrita. Tanto numa como noutra, a codificação lingüística da mensagem está sujeita a influências não só do codificador como também do ambiente em que se processa a comunicação. Essas influências provocam modificações tão sensíveis no uso da língua que podemos distinguir três maneiras ou usos diferentes do código lingüístico: o uso coloquial, o uso culto ou formal e o uso literário. Destes, o que nos interessará, será o primeiro – o uso coloquial da linguagem, onde nos deteremos na gíria.

A gíria é uma variável interveniente na variável independente, que é a linguagem. Enquanto esta é necessariamente horizontal, a outra não é forçosamente vertical, como se o único ponto de encontro fosse, apenas, o ponto de interseção das duas linhas. A variável interveniente parte de plano vertical, segue a linha contínua ao encontro da linha horizontal que intercepta em vários pontos, numa sequência e numa frequência absolutamente variáveis. Em gráfico seria:



Apresentam-se, aqui, duas hipóteses (A) e (B) de interveniência entre várias outras. O eixo da curva não é necessariamente constante na seqüência e nas freqüências. Mas pode sê-lo, é claro. No primeiro caso, a gíria intervém na linguagem esporadicamente. No segundo caso a gíria acompanha a linguagem, e pode, até, sobrepor-se a ela.

3.1 – O uso coloquial

É a comunicação lingüística do dia-a-dia, a conversa íntima, com emissor e receptor bem próximos um do outro (diálogo), possibilitando o uso de recursos extralingüísticos (como gestos, expressões fisionômicas), sem preocupação com a correção gramatical. Este uso, que implica num dialeto social mistura “tu” com “você” (ex.: “anda, desliga isso e vai dormir”), emprego de “ter” por “haver” e outros.

Este uso coloquial é de codificação espontânea e despreocupada, em que pode haver uma influência sensível do meio ambiente, no caso das expressões de gíria, ou do espaço (regionalismo) e do tempo (modismos).

O coloquial aparece especialmente na comunicação oral (língua falada), mas pode ocorrer também na escrita (cartas familiares, bilhetes, entrevistas).

O código oral é o primeiro a ser usado por nós, pois não depende de uma aprendizagem especializada (código escrito). Apesar de não saber ler ou escrever, as crianças de tenra idade se comunicam através do código oral.

Como já foi dito antes é importante ressaltar a associação do código oral a outros códigos, como ao dos gestos, ao da expressão fisionômica e, ainda, à entoação. É comum os gestos e a expressão fisionômica esclarecerem o sentido de uma mensagem, e a entoação leva a distinguir certos valores afetivos que nela estão impregnados. É por isto que uma mesma frase pode ser enunciada com sentidos diferentes, dependendo da situação, da entoação, dos gestos e da expressão fisionômica.

O uso do código oral apresenta uma forma culta ao lado de uma forma popular. A forma oral culta distingue-se da forma popular oral por maior clareza na articulação dos vocábulos (prosódia), maior coerência e fixidez nas formas e construções gramaticais (morfo-sintaxe) e uma riqueza e precisão de vocabulário (léxico). É na base da língua oral culta que se constitui a língua escrita.

Já a forma cotidiana da língua popular caracteriza-se pelos vulgarismos e pela gíria. Como exemplos de vulgarismo temos as alterações vocabulares, as intercalações de vogais, o enfraquecimento da consoante final, a redução do ditongo e dos proparoxítonos, a mistura de tratamento, o uso do pronome “ele” pelo pronome “o”, o uso do pronome “lhe” pelo pronome “ó”, o emprego da preposição “em” com verbos de movimento e a conjugação verbal fora da norma culta.

Algumas vezes, os vulgarismos da língua popular penetram na língua literária, com valor estilístico, em particular para indicar o nível social ou intelectual das personagens em cena, sobretudo em diálogos.

Convém lembrar que o uso do código oral, em sua forma cotidiana, sempre revela a classe social e o nível intelectual do falante. Algumas vezes, entre pessoas cultas, atos da língua popular são utilizados com senso de humor e graça, particularmente a gíria, em seus aspectos expressivos.

Segundo Marouzeau, a gíria é

Uma linguagem fundamentada num vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes¹.

Os vocabulários da gíria coexistem ao lado dos vocábulos comuns da língua.

Em sentido lato

a gíria é o conjunto de termos que provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular/ . . . / Amplia-se com o uso de termos obscenos ou pelo menos grosseiros para a expressão de uma violenta linguagem afetiva².

Apesar de muitos jovens apresentarem um bom conhecimento da língua, eles usam a gíria, pelo mesmo fato de viverem em grupo e terem seu próprio código, às vezes indecifrável para pessoas de geração mais velha.

A gíria, tendo como finalidade o segredo, ao perder tal característica, passa a ser uma gíria geral. A malandragem muda constantemente o linguajar, quando seus termos começam a ser usados com maior frequência. Assim, a gíria é uma linguagem de um grupo, seja ele profissional (jargão) ou não — motoqueiros e surfistas têm uma linguagem própria.

Na opinião do professor Adriano da Gama Kury os modismos não deixam traços maiores na língua, e lembra que muitas expressões, depois de algum tempo de desuso, voltam a ser usadas. Para ele, a gíria contribui de certa forma para manter vivo o caráter de uma língua:

Alguém cria a gíria e um grupo a adota, mas é muito difícil detetar o ato da criação. Um outro grupo pode se apropriar dela, se gostar, e assim sucessivamente. Dessa forma a língua continua viva, efervescendo. Um indivíduo, sozinho, não tem forças para mudar a linguagem, mas, se a mudança for aceita pelo grupo, ela terá força³.

As pessoas usam um mesmo sistema — a língua — para comunicar-se, mas cada uma se expressa de forma isolada, apesar de ser a finalidade uma só e comum a todos: a intercomunicação.

As palavras nascem por acaso e se desenvolvem nos mais variados sentidos. Do mesmo modo desaparecem. A verdade é que nascem na rua, nos afazeres cotidianos, nesse vaivém que se transforma num nervosismo criador e, como surgem por acaso, nem todas chegam à maturidade. Muitas morrem antes de adquirir força que lhes permita sobreviver por sua própria conta⁴.

Isto porque todas as línguas estão sofrendo mudanças constantes.

De geração a geração surgem diferenças sutis, daí não percebermos que tenha havido diferenças entre o modo de falar de nossa infância e o de hoje em dia. Isto é uma consequência da incapacidade do homem de lembrar-se do passado. Estas mudanças podem ser verificadas pela comparação da língua falada, no momento, com as obras escritas em séculos passados ou no princípio deste, uma vez que a evolução da ortografia é, praticamente estática e conservadora, estando sempre atrasada em relação às inovações (língua oral). Agora, em relação à gíria, podemos dizer que alguns comportamentos lingüísticos que nos parecem normais e habituais poderão ser diferentes num futuro próximo. Em relação ao léxico, vários termos podem designar uma mesma realidade (estudante ou aluno). Este tipo de estudo deve ser feito numa extensão de tempo mais ou menos amplo, durante a qual se verificam determinadas modificações.

Além do problema da limitação no tempo, há o problema do espaço. Atualmente, com o desenvolvimento dos meios de transporte e do rádio e televisão, a comunicação se desenvolve quase que imediatamente:

*os isolamentos totais não existem mais, e, em troca, os comportamentos lingüísticos se conservam idênticos numa vasta região. Assim, no estudo da gíria, a noção espaço-temporal da língua não pode ser mais do que aproximada.*⁵

A gíria dos jovens ou dos estudantes é uma língua especial, própria de um grupo social e etário. São termos e expressões referentes a uma determinada atividade. Tem como finalidade a intenção de fazer com que não sejam compreendidos por pessoas que não pertençam ao grupo.

O problema da gíria no Brasil, até hoje, praticamente, não foi abordado.

A gíria brasileira sofreu e sofre as mais diversas influências desde o século XVI: tupi (babaquara, arataka, caipora), africano (capanga, fuzuê, xingar), cigano (bute), francês (bem, chique), norte-americano (quadrado, som, ligado), italiano (estrilar, bacana), japonês (banzé) e espanhol (sacar, embromar).

3.2 – Vocabulário propriamente dito

Aqui faz-se referência à gíria comum que intervém e acompanha a linguagem comum. É o aspecto geral ou global. Os vocábulos são patrimônio de todos e cada qual usa como lhe apraz. Entre muitos outros podem citar-se, como exemplo, os seguintes:

- | | |
|------------|----------------|
| – jóia . | – encucado (a) |
| – gororoba | – carona |
| – legal | – cara |
| – bagunça | – gajo |
| – paquera | – babado |
| – sapeca | – frescura (b) |
| – xodó | – sufoco |

- | | |
|-------------|------------|
| – engrossar | – bagulho |
| – fofoca | – papo (c) |
| – bacana | – tintim |

etc . . .

Uma visão superficial dos vocábulos apresentados é um mundo de surpresas capazes de suscitar curiosidade e levar a uma pesquisa histórico-lingüística ainda por fazer.

Assim: PAQUERA é uma deformação morfológica de PAQUEIRA feminino de PAQUEIRO e que se aplica ao cão que sabe caçar PACAS. Na gíria aplica-se no sentido de COCA BICHINHOS ou de BISBILHOTEIRO. Como e quando se fez esta transposição?

SAPECA de SAPEK é de origem malaia ou siamesa e significa moeda de cobre chinesa furada ao centro. Mas na linguagem provençal quer dizer moça leviana e namoradeira.

Como adveio ao termo original este novo significado? Como se fez a evolução desde o Sião até a Provença? Mas não é tudo.

Na língua tupi encontra-se SAPEKA com o significado provençal.

Se o vocábulo chegou à língua tupi através do português, por que essa língua não registra o vocábulo como empréstimo? Se não, como se explica o aparecimento do vocábulo na língua tupi?

Estas e outras perguntas levam-nos à origem dos povos e à sua diáspora através do mundo. O conhecimento histórico destes fatos esclarece e explica muitas coisas.

Os vocábulos assinalados acima pertencem à gíria da língua portuguesa. Um deles, (a), é empréstimo do galego, e o outro, (b), é um empréstimo do italiano. Ambos, como muitos outros, conservaram o significado de origem, mas nem sempre isto aconteceu. É o caso do exemplo (c).

Daqui se conclui que a gíria dá um novo tom, um novo significado ou um novo sentido ao vocábulo da linguagem comum.

3.3 – Classes

Falar de classes em linguagem só pode entender-se o esoterismo que caracteriza determinados tipos de comunicação falada ou escrita, reservada a determinados grupos (jargão).

O classismo é um dos grandes males do nosso século. É o golpe mortal ao espírito gregário e comunitário.

A linguagem comum, eivada de gíria comum, já não serve, porque a comunidade lingüística deixou de existir. Assim aparecem sub-produtos lingüísticos que identifiquem os utentes entre si e os segreguem dos restantes.

A chamada linguagem técnica ou linguagem própria de nada mais é do que uma camuflagem desses sub-produtos. É claro que não se faz alusão, quer

à linguagem filosófica, quer à linguagem científica. Qualquer delas é altamente erudita e bem construída, despida de qualquer espécie de gíria ou interferências de semelhante jaez.

As classes de que se fala, aqui, são as que se marginalizam da sociedade ou que são marginalizadas por ela.

Assim é que os malandros, os vadios, os pivetes, os homossexuais, os toxicômanos, etc. . . , etc. . . têm uma linguagem própria, uma gíria própria. Eis alguns exemplos:

Futebol

– carrinho	– pelota	
– galera	– redonda	
– tesoura	– maricota	
– sola	– perereca	etc . . .

Malandro

– mancada	– cabrito	– crocodilagem
– cascata	– babiloque	– transa
– sujeira	– samango	– grana
– papagaio	– afanar	– cara
– cacau		etc . . .

Toxicômanos

– vapor	– trouxa	
– avião	– dinamite	
– pico		etc . . .

Sexualismo: hetero ou homossexualismo

– bicha	– fanchona	
– curujão	– piranha	
– gigolô	– cafetão	etc . . .

Pode ter-se a impressão de que os termos de que se compõe a gíria, qualquer que ela seja, não satisfazem às condições de sinonímia e de antinonímia. Tal não acontece, porém, com os seguintes exemplos:

– Roubar	– abafar	surrupiar	
	bispar	larapiar	
	morder	etc . . .	
– Dinheiro	– arame	bagarote	bolada
	nério	embira	gaita
	grana	pelega	perna
	gruja	liso	mango
	pindaíba	têso	etc . . .

No campo semântico de “roubar” encontramos uma sucessão de sinônimos; no de “dinheiro” temos sinônimos e antônimos. Seria muito curioso estudar os particularismos e extrapolações de cada um.

3.4 – Fraseologia

Neste ponto começa a sobreposição da gíria sobre a linguagem corrente e que tanto pode ser uma combinação de dois ou mais vocábulos, como pequenas frases encaixadas. Deste modo, a linguagem adquire uma textura absolutamente estranha e que torna difícil a sua compreensão, uma vez que o critério objetivo e formal é relegado em função do subjetivo e ocasional. Por outro lado e por mais estranho que pareça, o resultado desta sobreposição é agradavelmente audível, o que facilita a sua rápida expansão e uso. Acontecem, porém, duas coisas.

A primeira é que a repetição dessas combinatórias ou pequenas frases traduz, normalmente, uma deformação significativa.

A segunda é que a linguagem corrente, já escamoteada, é substituída pelo agradavelmente audível. A linguagem torna-se cada vez mais informal. Nesta fase são bastante frequentes as deformações morfológicas, sintáticas e semânticas.

A título elucidativo registram-se, entre muitos outros, os seguintes exemplos:

Combinação

- armar kiki
- pintar forte
- faturar horrores
- segurar as pontas
- aguentar firme
- quebrar o galho etc . . .

Frases

- mora na jogada
- estar no capricho ou na dele
- sofrer um pau
- o couro vai correr
- botar prá frente
- afanar um pixulé
- sair fora dos homens
- curtir um som
- entrar pelo cano
- estar na fossa ou numa boa
- descascar o abacaxi
- ter peixe na rede
- chover na horta etc . . .

Para concluir esta parte reservaram-se dois exemplos típicos de estropiação e degenerescência da linguagem. São eles:

- a) A girl flertava com um play-boy no hall.
- b) O menú da soirée com finesse era um barato.

3.5 – Linguagem

Imagine-se um tipo de expressão oral ou escrita construído quase exclusivamente à base de gíria. O que acontece?

A linguagem corrente deixou de existir como elemento de comunicação social integrada. Cada vez se percebe menos o que se lê e nada se percebe do que se ouve. Exemplificando, temos:

*Se um “muquirana” “vacila” as coisas podem ficar “russeline” e até virar “rory russel pipe line em maré baixa”. Então, é hora de calçar um “pi-sante”, vestir uma “cheguei” e ir a um “boxixó”. Para, evidentemente, “car-car”.*⁶

4 – CONCLUSÃO

Para concluir, a preocupação com o etmo de algumas palavras ou expressões é perigoso, pois a linguagem circula rapidamente e é influenciada por fatores sociais, evoluindo nas mais diversas direções. Mas, em relação às características, há quase que uma constante:

- atitude lingüística de desrespeito intencional à norma estabelecida, mas não foge ao sistema;
- ironia – um desafio ao sistema;
- espontaneidade e irreverência, sendo passageira, apesar de algumas palavras acabarem incorporadas à língua comum e dicionarizadas;
- tonalidade afetiva, predominando os sentimentos. Por isso os palavrões imperam como uma válvula de escape (v. *O Pasquim*);
- linguagem de decodificação inacessível aos membros de outros grupos;
- usada para exprimir maturidade e masculinidade (termos machistas);
- para chamar a atenção, chocar ou surpreender. Também para confundir e ridicularizar os outros.

5 -- BIBLIOGRAFIA

1. CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. São Paulo, J. Ozon, 1968.
2. – – –. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro [s. ed.] 1941.
3. CASTRO, Eugênio de. *Geografia lingüística e cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1937.
4. CUNHA. Celso Ferreira da. *Lingua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

5. -- -- --. *Uma política do idioma*. 2. ed. Rio de Janeiro, São José, 1967.
6. DELACROIX, H. et outros. *Psychologie du langage*. Paris, Alcan, 1933.
7. ELIA, Sílvio. *O problema da língua brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro, INL, 1961.
8. GÍRIA. A novíssima geração informa. *O Globo*. Rio de Janeiro, 1 set 1977. *Jornal da Família*.
9. GUÉRION, R. F. Mansar. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1956.
10. HOUAISS, Antonio. Geração 77. É o seguinte! *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 mar 1977. *Revista de Domingo*.
11. JUCÁ FILHO, Cândido. *Língua nacional*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1937.
12. LEDA, João. *A quimera da língua brasileira*. Manaus /s. ed./ 1940.
13. LEITE, Solidônio. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1932.
14. LEMOS, Virgílio de. *A língua portuguesa no Brasil*. Bahia /s. ed./ 1916.
15. LOPES, P. Castro. *A língua brasileira*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1935.
16. MACHADO, José Pedro. *O português do Brasil*. s. l., Coimbra Ed. /s. d./.
17. MARQUES, Xavier. *Cultura da língua nacional*. Bahia /s. ed./ 1933.
18. MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a "Língua Brasileira"*. 3. ed. Rio de Janeiro, CFC, 1972.
19. MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 3. ed. Porto, Figueirinhas, 1948.
20. -- -- --. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.
21. MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1931.
22. NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro /s. ed./ 1942.
23. -- -- --. *A expansão da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Divisão de Cooperação Intelectual do MRE /s. ed./ 1938.
24. NEIVA, Artur. *Estudos da língua nacional*. São Paulo, Nacional, 1940.
25. -- -- --. -- -- --. Rio de Janeiro, Nacional, 1937.
26. RAIMUNDO, Jacques. *Influência do tupi no português*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1926.
27. -- -- --. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Renascença, 1933.
28. -- -- --. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, I. N., 1941.
29. -- -- --. *O elemento brasileiro no português*. Coimbra, Imprensa Universitária, 1934.
30. RECTOR, Mônica. Terminologia dialetológica. In: -- -- --. *A linguagem da juventude*. Petrópolis, Vozes, 1975 cap. II.
31. SILVA, Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro /s. ed./ 1879.
32. SOBRINHO, Barbosa Lima. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1958.

6 – NOTAS

- ¹ CAMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. São Paulo, J. Ozon, 1968. p. 173.
- ² -----, p. 173-174.
- ³ GÍRIA. A novíssima geração informa. *O Globo*. Rio de Janeiro, 1 set 1977. *Jornal da Família*. p. 5.
- ⁴ -----, p. 5.
- ⁵ RECTOR, Mônica. terminologia dialetológica. In: ---. *A linguagem da juventude*. Petrópolis, Vozes, 1975. cap. II, p. 43-44.
- ⁶ HOUAISS, Antonio. Geração 77. É o seguinte! *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 mar 1977. *Revista de Domingo*. p. 10.